Editor: José Carlos Vieira (Cidades)
josecarlos.df@dabr.com.br
Tels. : 3214-1119/3214-1113
Atendimento ao leitor: 3342-1000
cidades.df@dabr.com.br

SAÚDE

No dia nacional de combate à doença, celebrado hoje, mãe que perdeu a filha e paciente que sobreviveu à forma hemorrágica contam suas experiências. No DF, casos caíram 54%. Foram 4.540 registros neste ano, contra 9.904 em 2025

A dor de quem vivenciou a dengue

» VITÓRIA TORRES

Sandro Araúuo/Agência Saúde



O fumacê é um dos aliados contra o mosquito Aedes aegypti, transmissor de dengue, zika e chikungunya, mas é importante que as pessoas ajudem na eliminação de criadouros

A redução dos casos de dengue no Distrito Federal não apaga as marcas deixadas pela doença na vida de quem enfrentou suas formas mais graves. No Dia Nacional de Combate à Dengue, celebrado anualmente no penúltimo sábado de novembro, histórias de quem perdeu uma pessoa querida e de paciente que sobreviveu a quadro crítico reforçam o alerta para os perigos da enfermidade.

De acordo com a Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SES-DF), os casos prováveis de dengue caíram 54% até a semana epidemiológica 45 de 2026 (que foi até 16/11), na comparação com o mesmo período do ano passado. Foram 4.540 registros neste ano, contra 9.904 em 2025. As notificações também diminuíram, passando de 21.544 para 13.060.

Em 2023, Camila Isaac, 40 anos, perdeu a filha, Pietra Isaac de Carvalho, aos recém-completados 7 anos, por dengue hemorrágica. Três anos após a morte da menina, a advogada e servidora pública ainda busca respostas. O caso segue na Justiça, com o objetivo de responsabilizar um médico pelo atendimento prestado à criança.

A mãe conta que Pietra começou a apresentar dores abdominais e falta de apetite. Em um primeiro atendimento, foi diagnosticada com virose. Mas ela começou a apresentar sangramento pelo nariz. No retorno ao hospital, já desidratada, uma médica avaliou que o estado da criança era grave, solicitou novos exames e iniciou a hidratação intravenosa.

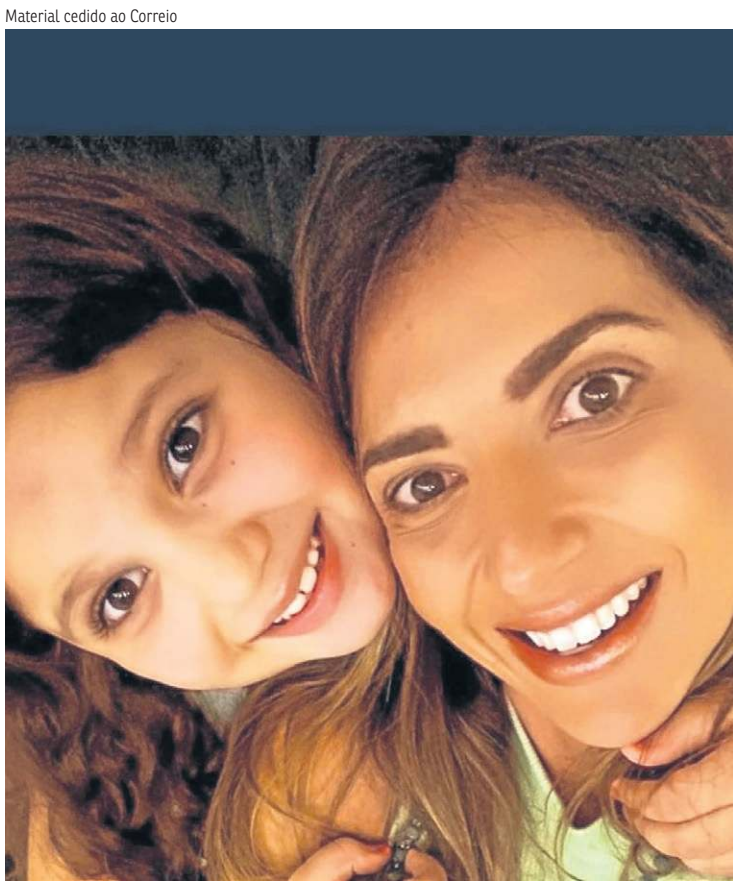
Camila afirma que, durante a troca de plantão, outro médico minimizou os sintomas apresentados pela menina. "Ele disse que ela estava com 'dengo'. Eu disse que estava esperando o resultado do exame de dengue e que minha filha estava sentindo dor. Ele encostou a mão no abdômen dela, apalpou e falou: 'São gases'", relembra.

Quando o resultado confirmou a dengue, o médico informou que a doença não tinha medicamento específico e recomendou repouso e hidratação. A orientação, segundo ela, foi diferente da avaliação da médica que havia atendido Pietra anteriormente, que considerava necessária a internação e pretendia encaminhá-la ao Hospital Materno Infantil de Brasília (HMIB). "Ele foi muito enfático comigo. Fui para casa, comprei água de coco e suco, como ele pediu. Quando cheguei, ela urrava de dor. Então, corri com ela para o HMIB, sem nem saber como conseguiria entrar lá, porque o médico não me deu o encaminhamento."

No HMIB, Pietra foi atendida em estado crítico. Camila relata que a filha desmaiou, apresentou alucinações e ficou muito pálida, com os lábios arroxeados. Na manhã seguinte, sofreu um choque e começou a vomitar sangue.

O estado de saúde de Pietra continuou piorando, e ela veio a óbito. "A dengue não espera. O tratamento o quanto antes salva vidas e preserva. A gente sabe que é uma doença que ainda mata muitas pessoas. É extremamente perigosa, e precisa haver conscientização da população", alerta Camila. Para ela, a perda da filha é um sofrimento permanente. "É a pior dor que existe, a pior dor que uma mãe pode sentir. O luto é eterno."

Material cedido ao Correio



Camila com a filha, Pietra, que morreu aos 7 anos de dengue hemorrágica

Sobrevivente

Aos 61 anos, o servidor público aposentado Alex Coelho Papeira também guarda lembranças difíceis da dengue. Morador da Ponte Alta, em 2023, sentiu calafrios intensos, tremores, dores pelo corpo e vômitos. Após procurar atendimento médico, recebeu o diagnóstico da doença e foi liberado para continuar a recuperação em casa. "Tudo por causa de uma vizinha que se mudou e deixou a piscina suja, completamente infectada. Daí, começou meu tormento", relata.

Alex não conseguia se levantar nem se alimentar. Na tentativa de ajudá-lo, a esposa ofereceu medicamentos sem orientação profissional, entre eles, antibióticos e remédios para vômito e diarreia. Posteriormente, ele foi diagnosticado com dengue hemorrágica e encaminhado à UTI. "Não tinha forças para nada. Minha saturação caiu a níveis em que o médico sugeriu me entubar."

Durante a internação, o aposentado apresentou sangramentos em diferentes partes do corpo, inclusive pelos olhos, ouvidos e na urina. "Tinha certeza de que iria morrer", recorda.

Depois da alta, Alex enfrentou um longo período de recuperação, com fraqueza, tonturas, dores no corpo e dificuldade de concentração. Hoje, ele alerta para os perigos da automedicação e defende que a população receba mais informações sobre a doença. "Acho importante salientar que as pessoas não devem tomar remédios sem orientação. Os hospitais e as campanhas governamentais precisam alertar sobre o perigo dessa prática, que é tão comum."

Pontos de atenção

Sintomas clássicos (fase inicial)

» Febre alta (39°C a 40°C) de início repentino;

» Dor de cabeça intensa e dor atrás dos olhos;

» Dores fortes no corpo e nas articulações;

» Manchas vermelhas na pele;

» Cansaço extremo.

Sinais de alerta

» Dor abdominal intensa e contínua;

» Vômitos persistentes;

» Sangramento no nariz, gengivas ou fezes;

» Tontura, fraqueza ou queda de pressão ao levantar;

» Acúmulo de líquidos (inchaço);

» Letargia/irritabilidade.

Fonte: Ministério da Saúde/Opas

Cuidados

Um dos momentos que mais exigem atenção é quando a febre começa a desaparecer. Segundo a clínica geral e coordenadora do pronto-socorro do Hospital Santa Lúcia Norte (HSLN), Paloma Cordeiro, essa fase costuma ocorrer entre o terceiro e o sétimo dia da doença. "A melhora da febre não significa, necessariamente, melhora clínica", avisa. A médica explica que a dengue é uma arbovirose transmitida pela picada da fêmea do mosquito Aedes aegypti e que a evolução dos sintomas varia de acordo com cada pessoa.

As condições climáticas também podem favorecer a transmissão. De acordo com a médica, fenômenos como o El Niño podem contribuir para o aumento da circulação do vírus, dependendo das características de cada região. "Entretanto, o El Niño não é o único responsável pelo aumento dos casos. A transmissão também depende da presença do mosquito, da circulação dos sorotipos virais, da imunidade da população, da urbanização e das condições de saneamento."

Há, ainda, os riscos da automedicação, especialmente com medicamentos que podem aumentar a possibilidade de sangramentos. "É fundamental evitar ácido acetilsalicílico (AAS) e anti-inflamatórios não esteroidais, como ibuprofeno e diclofenaco, pelo risco hemorrágico", orienta.

Vacinação

A cobertura vacinal no DF está abaixo da meta estabelecida pelo Ministério da Saúde: 67% do público-alvo recebeu a primeira dose e 42,9% completou o esquema com a segunda dose, de acordo dados de 17 de novembro. "A meta é alcançar 90% de cobertura. Atualmente, a SES-DF conta com cerca de 7 mil doses em estoque, e o Ministério da Saúde realiza o abastecimento mensal dos imunizantes", destaca a pasta, em nota.

A vacinação é destinada a crianças e adolescentes de 10 a 14 anos e prevê duas doses, com intervalo de três meses entre as aplicações. A orientação da Secretaria de Saúde é que o público complete o esquema vacinal o quanto antes, para garantir proteção durante o período sazonal da doença.

Além da imunização, a SES-DF informa que mantém o monitoramento do mosquito Aedes aegypti em todas as regiões administrativas. "O objetivo é identificar precocemente se houver aumento da infestação e direcionar as ações de controle", explica.

Dicas de prevenção

A principal estratégia continua sendo o controle do Aedes aegypti, mosquito vetor.

» Elimine água parada: vire garrafas de cabeça para baixo, guarde pneus em locais cobertos e limpe calhas regularmente;

» Cuide das plantas: encha os pratinhos dos vasos com areia até a borda e evite plantas que acumulam água (como bromélias) em áreas abertas;

» Mantenha recipientes fechados: tampe caixas d'água, tonéis, poços e lixeiras de forma bem vedada;

» Higienize bebedouros: lave diariamente os potes de água dos animais de estimação com bucha e sabão;

» Proteção individual: use repelentes aprovados pela Anvisa, roupas compridas e instale telas nas janelas.

Fonte: Ministério da Saúde/Opas

A Secretaria reforça que o combate à dengue depende da participação dos moradores. "É importante evitar o acúmulo de água em recipientes, manter caixas-d'água e reservatórios bem fechados e eliminar possíveis criadouros do mosquito dentro e fora de casa. Durante a estiagem, quem precisar armazenar água deve manter os recipientes devidamente tampados. Também é importante permitir o acesso dos agentes de vigilância aos imóveis durante as inspeções e seguir as orientações das equipes de saúde", finaliza.